

# A escrita como viagem em **Desmedida**

ANA PAULA ALVES GENEROSO\*

Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

## *Resumo*

Nesse artigo, propõe-se uma leitura da obra **Desmedida**, de Ruy Duarte de Carvalho, observando que a escrita pode ser um espaço de não-lugar, no qual o passado e o presente se misturam, assim como a história e a ficção se conectam.

Palavras-chave: **Desmedida**; Escrita; Espaço, Lugar; Não-lugar.

## INTRODUÇÃO

Certos lugares só existem pelas palavras que os evocam.  
(AUGÉ, 1994)

Neste trabalho, proponho uma leitura da obra **Desmedida**, de Ruy Duarte de Carvalho, tentando demonstrar que a escrita literária nesse texto é uma forma de viagem proposta por seu autor. Para isso, atendo-me em analisar os recursos de construção textual e os espaços instaurados pela narrativa.

Podemos considerar a obra **Desmedida** como uma narrativa de viagem, em que o narrador propõe que viajemos junto com ele pelo interior do Brasil e de Angola. Esse convite aparece na epígrafe do livro, quando ele coloca “estamos é juntos, no vaívem das balsas”.

A viagem sugerida pelo narrador ultrapassa a descrição dos lugares, dos espaços e das paisagens brasileiras, pois ele tenta descrever suas descobertas ou reencontros com Angola e com um Brasil conhecido, por ele até esse momento, pelas descrições e falas de autores brasileiros e estrangeiros – Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Blaise Cendrars, Richard Francis Burton, Theodoro Sampaio e outros mais –, por meio de obras literárias, antropológicas, históricas, entre outras, que ele havia lido quando criança, adolescente e adulto.

Propõe-se que viajemos pela escrita do livro. Escrita essa que nos remete às escritas dos autores que estão sendo citados por ele. Ao mesmo tempo em que fazemos uma viagem pelas obras desses autores, também fazemos uma viagem pelos espaços do olhar e da representação, do curso e do discurso da obra de Carvalho.

Essa proposta pode ser percebida quando observamos o que Carvalho diz no início do primeiro capítulo do livro,

complicando logo que é para depois não causar estranheza: que o real se faz mesmo é de repetições, de variações e de simetrias, acasos, encontros e convergências que o que estão mesmo a pedir é decifrar-lhes continuidades e contigüidades, isso, estou em crer, não tem quem não saiba. (CARVALHO, 2006, p. 15).

O complicar logo no início, além de nos remeter ao que está por vir ao longo do livro, também nos faz questionar o real. Como o real vai se constituir na obra, já que o real se faz de “repetições, de variações e de simetrias, acasos, encontros e convergências”. (p. 15). Se refletirmos sobre a conceituação do narrador sobre o real, podemos pensar nele como a estória que será contada no livro, ou mesmo, a própria viagem, e que esta só acontece através de decifrações das continuidades e contigüidades de outros autores e de suas estórias. Segundo Onfray (2009),

O eu não se dilui no mundo, ele o colore, lhe dá formas. O real não existe em si, mas percebido. O que, evidentemente, supõe uma consciência para percebê-lo. Esse filtro pelo qual o mundo passa organiza a representação e gera uma visão. Por sua essência, o ser do mundo procede do ser que o olha. A viagem teatraliza essa operação metafísica, acelera essa alquimia. (ONFRAY, 2009, p. 79).

Dentro da concepção do real para Onfray, o eu observa o mundo do outro e se interage com ele. Para o narrador, esse movimento aconteceria pela observação do espaço, do pensamento do outro, da história do outro, nos permitindo tanto seguir viagem dentro desses espaços, como também participar da construção de novos espaços:

Está tanto ao meu alcance como ao de qualquer um e remete, de facto, a outras viagens, às tais viagens pelos livros. E nem sequer estou nessa de produzir mais sínteses de viagens feitas através dos livros dos outros e de papéis. (CARVALHO, 2006, p. 163).

Para o narrador, a estória ou a viagem inicia-se quando ele começa a fazer a leitura dos livros que se propõe a ler, como também ao escrever suas crônicas intercalando o que pensa e observa do mundo por onde viaja com suas reflexões sobre as obras dos autores lidos:

a estória então, ou a viagem que tenho para contar, começaria assim:

(...) tem um lugar, dizia eu, tem um ponto no mapa do Brasil, tem um vértice, que é onde os estados de Goiás, de Minas Gerais e da Bahia se encontram, e o Distrito Federal é mesmo ao lado. Aí sim gostaria de ir... é lá que se passa muita da ação do Grande

Sertão: Veredas...e depois descer para o alto São Francisco, que é o resto das paisagens de Guimarães Rosa... e ao baixo São Francisco, podendo, ia também... porque encosta aos Sertões euclidianos... sou estrangeiro aqui e nada me impede de incorrer no anacronismo de querer ir ver, de perto, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha (CARVALHO, 2006, p. 15).

A partir do trecho acima, podemos perceber que a viagem também permite ultrapassar o espaço do tempo, pois os autores referidos, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, já não são mais vivos, mas suas obras permitem esta presença, como também possibilita uma visão dos lugares em que esses dois autores estiveram quando faziam suas viagens pelo sertão brasileiro. Assim, na tentativa de unir dois tempos passados, o da viagem dos autores referidos e o da viagem do narrador, nada o impede de incorrer nesse anacronismo do encontro, que acontecerá a partir das obras dos autores e da sua, mas ele tenta justificar a impossibilidade do impedimento pelo fato dele ser um viajante estrangeiro no país e colocar-se diante do mesmo como leitor.

A palavra desmedida, que nomeia a obra, é conceituada pelo Dicionário Houaiss como algo que se mostra abusivo ou inconveniente; excede-se; passa dos limites. O que nos faz pensar se este lugar, assim como o espaço da enunciação, também não é desmedido e não passa dos limites.

Dessa maneira, as possibilidades de viagens que serão construídas em **Desmedida** nos permitem percorrer um longo percurso na história/estórias da população brasileira e angolana.

## A ESCRITA COMO ESPAÇO DE VIAGEM

- CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO

Na obra **Desmedida**, o espaço e o tempo estão imbricados. Porém, observar essa relação nos leva a perceber a necessidade de uma breve diferenciação entre os dois termos.

O conceito de espaço para Santos (2008) se relaciona com a ação humana, com o termo paisagem e tempo,

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. (...)

A paisagem é diferente do espaço. A primeira é a materialidade de um instante da sociedade. (...) O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. (SANTOS, 2008, p. 71-72).

Benveniste (1989) apresenta, entre outras, duas modalidades temporais: o tempo crônico que está ligado ao calendário; esse tempo estabelece pontos de referência que possibilitam ao homem se situar frente aos

acontecimentos históricos da humanidade; o tempo da enunciação, linguístico, que está presente no ato da enunciação ou da fala e que se institui como um eixo temporal a partir do qual se constituirão o passado, o futuro e o presente.

O espaço em **Desmedida** se relaciona com vários tempos, um tempo passado, um tempo passado/presente e o da enunciação, como se percebe no seguinte trecho: “Pelo que, eu andando agora por aqui também a querer explorar este rio São Francisco e a tentar apreender os seus passados para ver se consigo situar-me nos seus presentes.” (CARVALHO, 2006, p. 107).

Portanto, o tempo histórico na obra está relacionado com os fatos históricos que marcaram o Brasil e Angola, instituindo um tempo que já passou e fica na memória da sociedade. Como exemplos dos fatos do Brasil, temos a Independência Nacional, a vida de Antônio Conselheiro, líder social na guerra de Canudos, e de Lampião, importante figura do cangaço brasileiro, “em Cachoeira é onde se concentrava mito da tropa nacionalista que lutou na Bahia pela Independência do Brasil e eu quero lhe contar como é que a coisa foi, que é para mais tarde comparar com a nossa.” (CARVALHO, 2006, p. 185). Em Angola, a Independência do país, a transposição do rio Kwanza, “pouco antes da independência, se propunha, entre outras obras, fazer com que parte das águas do rio Kwanza fosse transposta para alcançar Luanda”. (CARVALHO, 2006, p. 263).

O tempo das estórias, ou ficcional, ocorre quando o narrador narra a estória de Riobaldo, personagem do livro **Grande sertão: veredas**, de Guimarães Rosa:

vindo ansioso como eu vinha, que a seguir vai encontrar, para além desses morros, é a desmesurada desmedida de um liso enorme, raso perverso, o liso pior havente, escampo dos infernos, chão esturricado, esses mares do sertão. Quer dizer, o liso do Suassurão, que o grande chefe jagunço Riobaldo Taratana, Urubú branco do **Grande sertão: veredas**, atravessou em nove dias... (CARVALHO, 2006, p. 65).

E quando também conversa com Paulino, intitulado seu assistente pelos desertos austrais de Angola, “E vim contar esta estória toda, Paulino, por estes desertos todos nossos daqui, é para você agora pergunta: – Mas então quem é que estava a lutar por essa Independência do Brasil, eram os brancos?” (CARVALHO, 2006, p. 189).

No espaço da enunciação também ocorre a marcação de recursos da oralidade, que é percebido no diálogo travado entre o narrador e Paulino na segunda parte do livro, quando o narrador interrompe a viagem pelo Brasil e volta para Angola. A escrita, então, se mostra mais próxima da oralidade e apresenta o interlocutor bem marcado na fala, “situar a narração aí, nesse lugar? E dar a ler, a quem lê, como irei dizer contando para o Paulino, que sabe ler mas lê é pouco, e livros, assim, não lê? Voltas que a vida dá, com a fala e a escrita atrás.” (p. 169). Quanto à escrita, ela se mostra em construção e desconstrução, pois fica muito representativa quanto a quem o narrador se refere. Por exemplo, se

cita Guimarães Rosa, a escrita se aproxima da escrita de Guimarães, e o mesmo acontece com os outros autores aos quais ele se refere. Por isso, em *Desmedida*, a mistura e o entrelaçar de fatos na escrita se faz muito presente, o que nos faz percebê-la como um espaço de viagem.

- ESPAÇO/ LUGAR/ NÃO-LUGAR

Neste momento é necessário estabelecer uma breve diferença entre espaço e lugar e não-lugar.

Certeau (1994) diferencia o lugar do espaço, colocando que o lugar é a ordem que distribui elementos nas relações de coexistência, não permitindo a duas coisas ocuparem o mesmo lugar, imperando, assim, a lei do “próprio”, ou seja, os elementos se encontram uns ao lado dos outros, cada um situa-se num lugar próprio, distinto, o qual define; portanto, o lugar é uma configuração instantânea de posições que implica uma indicação de estabilidade.

Já o espaço existe quando se tomam vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo, pois ele implica um cruzamento de móveis, animado pelo conjunto dos movimentos que se desdobram; é, também, o efeito produzido pelas operações que o orientam, circunstanciam, temporizam e levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (CERTEAU, 1994, p. 201-202).

Certeau também conclui que

O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambigüidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas.

(...) o espaço é um lugar praticado (...) a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito. (CERTEAU, 1994, p. 201-202).

Quando confrontamos o conceito de lugar de Certeau com a construção textual da obra de Carvalho, percebemos que o lugar na obra se torna instável, pois não existe um lugar fixo para cada coisa. As coisas se misturam, como a escrita de Carvalho se mistura às escritas de outros escritores, deixando o leitor sem saber exatamente quem escreveu aquele trecho, ou se, na obra referida, constam aquelas partes do texto escrito por Ruy Duarte. Os discursos se misturam, as paisagens se misturam, os tempos se misturam. Dessa maneira, o narrador/viajante se posiciona esclarecendo melhor como a viagem acontece, através de livros, sertões, viagens e famílias, que vão permiti-lo um itinerário de observações e de leituras, de articulações de casos e comentários, de ideias e de palavras que vão confluir no espaço do livro.

Livros, sertões, viagens e famílias... Um programa completo. Fazer do São Francisco um itinerário de observações e de leituras, de acercas e de a-propósitos, uma articulação galopante de casos e

comentários, de ideias e de palavras. Razões bastantes para fazer um livro e aceitar um convite. Conquanto não perca o pé. (CARVALHO, 2006, p. 44).

O que percebemos é a instituição de um lugar de trânsito através da escrita, em que o viajante se interage com esse espaço. Isso, para Augé, vai caracterizar o não-lugar.

Augé (1994) diferencia lugar de não-lugar colocando que o lugar é identitário, relacional e histórico, enquanto o não-lugar é um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional e nem como histórico. Mas designa-o como duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins – transporte, trânsito, comércio, lazer – e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços. (AUGÉ, 1994, p. 87).

Enfim, Augé (1994) explica que a mediação que estabelece o vínculo dos indivíduos com o seu círculo no espaço do não-lugar passa por palavras, até mesmo por textos. Sabemos, antes de mais nada, que existem palavras que fazem imagem, ou melhor, imagens. (AUGÉ, 1994, p. 87). Assim, a palavra ganha uma força muito grande na obra, pois ela que permite que a escrita seja o espaço do não-lugar, então, a balsa que leva o leitor pelo itinerário do livro, também constitui as imagens do percurso que os viajantes irão passar, mantendo uma maior conectividade entre o autor e o leitor. Como sugere Augé, referindo ao viajante de “passagem” que passa por local ou país que apresenta ruínas (Lacedemônia, Grécia) de uma história antiga, conseguindo esse perceber

a imagem simultânea da história perdida e da vida que passa, mas é o próprio movimento da viagem que o seduz e o arrasta. Esse movimento não tem outro fim senão ele mesmo – senão aquele da escrita que fixa e reitera sua imagem. (AUGÉ, 1994, p. 82).

Dessa maneira, o narrador fala da produção deste itinerário/livro, que ele vai construindo, mas à medida que penetra e aprofunda no itinerário da viagem, começa a identificar as terras por onde está passando com a sua terra de origem.

Um livro a insinuar-se? E por que não? Um livro mais de “viagem”, mas que também não fosse um desses registros paraliterários de errâncias e de evasões a puxar para o sério e para a auto-ajuda. Que remetesse para os domínios em que me movo mas admitisse derivas. Tentasse evitar fosse essa: a mais vigorosa das penetrações analíticas, uma orgásmica exposição de evidências e de equações, um desafio algébrico à plácida aritmética do senso comum. Ensaiasse tão-só, talvez, dizer do Brasil a partir de Angola, a partir da situação nacional que a minha em relação ao mundo e à Angola. (CARVALHO, 2006, p. 42).

Segundo Onfray (2009), ninguém viaja para se curar de si, mas para ficar mais fortalecido, para se sentir e conhecer melhor. Como também a viagem é uma ocasião para ampliar os cinco sentidos, ou seja, sentir e ouvir mais vivamente; olhar e ver com mais intensidade; degustar ou tocar com mais atenção; pois o corpo fica mais tenso e disposto a novas

experiências e consegue registrar mais dados do que de costume. O que possibilita uma visão crítica do que ficou para trás e do que se está experimentando.

Assim, o narrador/viajante busca, em sua viagem, uma possibilidade de fazer uma comparação entre as paisagens de sua terra com a que ele está descobrindo, como também permite que o viajante compare os fatos históricos de seu país com o do visitado. Portanto, o narrador consegue enxergar, nas paisagens descritas por Guimarães Rosa, uma semelhança com as paisagens que deixou em Angola ou vice-versa.

E nas paisagens que Guimarães Rosa me descrevia, eu estava a reconhecer aquelas que tinha por familiares. Já porque de natureza a mesma que muitas das paisagens de Angola – e em algumas das paisagens de Angola eu reconhecia aquelas, enquanto o lia – já porque a gente que ele tratava, gente de matos e de grotas, de roças e capinzais, era também em Angola aquela com quem durante muitos anos andei a lidar pela via do ofício e do viver. (CARVALHO, 2006, p. 86).

Enfim, o ato de viajar permite que o viajante se desloque no espaço. O que o narrador parece colocar é que o espaço físico se mistura com o espaço imaginário, o real se confunde com descrições de outros viajantes que estiveram ali antes, como também, permite ao novo viajante um reconhecimento do lugar através do olhar e da leitura. Mas o que seria esse real: um espaço, um lugar, um tempo cronológico ou histórico, algo imaginado? O certo é que, para aquele viajante que sai de sua terra, a lembrança dela se faz presente em todos os lugares e pode se conectar às novas experiências vivenciadas na viagem. A viagem, por ser vivida intensamente, marca o viajante e o permite ter novas perspectivas quanto ao futuro e a si mesmo.

Conclui-se que o percurso de viagem traçado em **Desmedida** sugere ao leitor viajante que ultrapasse os limites do enredo da narrativa e perceba, através da escrita, os espaços e lugares que pode visitar. E, acima de tudo, que não perca a expectativa de que as palavras vão se constituindo como imagens que conduzem o viajante na sua trajetória.

### *Abstract*

This article proposes a reading of the novel **Desmedida**, by Ruy Duarte de Carvalho, observing how writing can be a place of non-place, in which past and present mix themselves, as well as the connection of history and fiction.

Keywords: **Desmedida**; Writing; Place; Non-place.

### REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papirus, 1994.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. In: **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989, p.68-80.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Desmedida**. Lisboa: Cotovia, 2006.

CERTEAU, Michel de. Relatos do espaço. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DESMEDIDA. **Dicionário eletrônico Houaiss**. Versão eletrônica.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. Configuração territorial do espaço. In: **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2008, p. 67-93.